

A subversão de "Os Cafajestes"

Alguns fatos (1) a partida está ganha — o filme paga os impostos, exhibidor, distribuidor, e reembolsa o produtor aqui mesmo no Rio; (2) apesar de algumas vozes dissidentes — comprometidas — a honestidade do filme se impõe, só um corte (*) é efetuado e pelo próprio produtor; (3) o Cinema Novo ganha a batalha inicial sem ceder um palmo de terreno ao inimigo — daqui por diante, também por mérito de outros lutadores que estão prontos para entrar na arena, quem tiver talento, técnica e coragem fará cinema; (4) o filme atrai multidões mas convence poucos, não estabelece um diálogo com o público. Este é um problema que Ruy Guerra terá de enfrentar, embora seja mais do público e da crítica do que seu.

Seria preciso uma extensão extra-jornalística de papel para tentar esgotar os problemas que "Os Cafajestes" suscita, sobretudo em suas relações com o público. Segundo Edgar-Morin (**) "o filme é este momento em que dois psiquismos, o incorporado à película e o do espectador, se encontram" — um mundo que "precisa de nossa substância para viver". Para outro pesquisador (***) o principal atrativo do cinema é, em vez do "sex-appeal", um "self-appeal", que aproximadamente podemos traduzir por "ego-atração". Numa síntese compulsória (pois não cabe aqui um estudo), diríamos que o filme deveria oferecer ao espectador personagens com os quais ele se identificasse e/ou ações ou implicações de ações correspondentes aos seus desejos conscientes ou inconscientes. Cabe dizer, ante a hostilidade ou impatência da quase totalidade do público, que a projeção de "Os Cafajestes" não encontra a projeção do espectador? E que, não se dando o encontro a que se refere Morin, o filme não existe? Talvez "sim" para a primeira pergunta, certamente "não" para a segunda. O problema de maior ou menor platéia cabe à posição humana de Ruy Guerra, à sua consciência e programática de autor. De qualquer forma, porém, a existência (isto é, a realização) do filme é inegável. Sua linguagem moderna, a ausência de história no sentido tradicional e, sobretudo, os efeitos de choque explicam a não-projeção do espectador.

Não são raros os filmes que influenciaram pessoas sem fazer muitos amigos. Em arte, como em psicanálise, tem curso o processo do "grupo subversivo", pequeno em número e grande em poder destruidor de repressões. Se não fosse válido o exemplo de "Cidadão Kane", dada a consagração crítica universal que compenhou a recepção fria do público, poderíamos lembrar Jean Vigo, cujos filmes (só dois em longa-metragem: "Zéro de Conduite" e "L'Atalante"), praticamente sem circulação, prepararam terreno durante duas décadas para imposição do filme de autor no cinema francês. A exemplo de Buñel & surrealistas, "Os Cafajestes" confina sua violência, em vários momentos fundamentais, à técnica do "acte de scandele", válida como qualquer outra quando se procura uma revolução ou um motim estético-moral. Não é preciso partilhar do antimisticismo de Ruy Guerra para reconhecer um extraordinário momento de cinema e de corrosão satírico-dramática na simbiose dos diálogos, na seqüência da fortaleza; especialmente quando as respostas da menina às perguntas de Jandir sobre o Pecado Original se entrelaçam com o interrogatório de Vavá (Daniel Filho) com a menina desvirginada na praia. E depois o "slogan" espreguiçado pelo play-boy: "Gozem as delicias das maravilhosas praias de Cabo Frio!"

A ausência de gratuidade nos diálogos e ações, sempre expressivos dentro da compulsão de conspurcar dos cafajestes, não impedem que os impactos críticos do autor ativem o mecanismo de resistência do espectador. Parece-nos sintomática a frieza que se amplia na platéia a partir do episódio da donzela-defunta: a blague à passagem do esquálido entêrro atinge um dos conceitos mais arraigados, o do respeito aos mortos. (A apresentação da morte é sempre romântica, heróica, ou com implicação de imortalidade, no cinema). "Os Cafajestes" não afaga o espectador, nem se dobra às manhas desse menino mimado. Sua abordagem do submundo onde o sexo se realiza na abjeção, na atmosfera "flou" da maconha e da vigília de café & peryitín, impressiona pela honestidade e pela aspereza de tratamento. Na seqüência mais atraente para o grande público, Guerra faz tudo o que é mais inibitório do prisma pornográfico e até do erotismo: (1) tempo "excessivo" de acordo com os figurinos vigentes — durante aproximadamente cinco minutos Lêda (Norma Benguel), nua, é acossada na praia pelo automóvel dos cafajestes que tiram fotografias para a chantagem; (2) tratamento cruel e visualmente vertiginoso, contra-luz, câmera oscilante, assomos de branco; (3) arela no rosto e nos cabelos, silêncio absoluto da heroína durante toda a cena, completam o insólito que reveste o episódio e reforça sua absoluta originalidade.

Sem dúvida, no plano minuciosamente realista da produção, a violência e a extroversão de sexo eram elementos premeditados para a conquista do público. O Cinema Novo não vai se impor através de histórias da Carochinha, e sim de coisas que existem e afetam o homem. "Os Cafajestes" simplesmente se recusa a explorar aqueles elementos como afrodisíaco das elites ou maconha industrializada e filtrada para as massas.

NOTAS — (*) Ao contrário das primeiras notícias, só há um corte: o último plano de Jandir, se afastando do automóvel, filmado de frente; desiguais, assim, o noticiário radiofônico.

(**) — "Le Cinéma ou l'Homme Imaginaire" (Ed. de Minuit).

(***) — Durand: "Le Cinéma et son public" (Sirey Ed.).

— Citações por Jean Cocteau, "Esprit", junho 1960: "L'humanisme commence au langage".

QUEM GOSTA

Recomendam "Os Cafajestes", entre outros, Alfred Bauer (diretor do Festival de Berlim), Marcel Martin (crítico francês, de passagem), Nelson Rodrigues, Válder Hugo Khouri, Paulo Francis, Fernando Ferreira, Sérgio Augusto, Alex Vlany, Tati de Moraes, Lígia Pape, Carlos Diegues, José Lino Grünwald, Glauber Rocha, Paulo César Saraceni, Nelson Pereira dos Santos, Luis Alípio de Barros, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Carlos Alberto de Sousa Barros, Henrique Pongetti.

UFA QUER

A UFA está em negociações para comprar "Os Cafajestes" para o mercado alemão. De passagem pelo Rio, o senhor Alfred Bauer convidou o filme, o diretor, o produtor e os artistas para o próximo Festival de Berlim.

ZAZIE NO MAM

Hoje, às 18,30, no auditório do IAPC, a Cinemateca do MAM apresenta para seus sócios, "Zazie dans le Métro", de Louis Malle, numa cortesia da Unifrance Film. Cópia original, sem legendas em francês.